

A CIÊNCIA NO TELEJORNAL DIÁRIO: ENTRE O FATO E A FICÇÃO

OLIVEIRA, Gildesio Bonfim; MONTEIRO, Rosana Horio (orientadora); Mestrado em Cultura Visual – Faculdade de Artes Visuais / UFG

gilxbonfim@yahoo.com.br – monter1@uol.com.br

Palavras-chave: telejornal, ciência, discurso.

O objetivo deste trabalho é estudar a presença de elementos ficcionais no telejornal diário, a partir, da cobertura de notícias relacionadas à ciência e à tecnologia. O telejornal a ser estudado é o Jornal Nacional (Rede Globo) e serão investigadas as reportagens sobre o tema veiculadas no período de agosto a dezembro de 2006. O foco da análise é o discurso midiático, construído a partir da relação entre imagem e texto.

Quais os mecanismos e formas empregadas na construção do discurso do telejornal, sobretudo, nas reportagens de divulgação científica? Como se dá a representação da ciência nesta mídia televisual, ou seja, como a mídia percebe e apresenta a ciência no dia-a-dia? Quais as características da linguagem de ficção, entendida aqui como processos de produção e criação, que são estratégias de encenação visual, como por exemplo: reconstituições, dramatizações, gráficos, cenários específicos, enquadramentos, presentes nas reportagens e, como esses elementos constroem o fascínio dos fatos no cotidiano? Quais os assuntos ligados à ciência e à tecnologia dominam a agenda temática do telejornal e por que esses assuntos são mais recorrentes?

O ponto de partida para tentar responder a estas perguntas, são algumas discussões a respeito do Jornal Nacional, programa jornalístico, que é o objeto deste estudo; do telejornal, enquanto gênero midiático e, sobre a televisão. A difusão deste veículo criou uma nova “galáxia” de comunicação, marcada pela pulverização das mensagens; pela promessa de desvelamento do mundo; pela reorganização dos espaços.

A televisão faz parte de um sistema que fala cada vez mais uma língua universal digital, que tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, imagens e sons de nossa cultura como os personalizando ao gosto das identidades dos indivíduos. Para Barbero e Rey (2001, p. 111), “a televisão constitui um âmbito decisivo do reconhecimento sociocultural, do desfazer-se e do refazer-se das identidades coletivas e dos povos”.

Em quase 60 anos de existência, ainda sabemos pouco, sobre um dos mais hegemônicos meios de

expressão cultural na contemporaneidade. Segundo, Machado (2005, p. 16), “a televisão permanece, desde a sua difusão massiva depois da Segunda Guerra Mundial, o mais desconhecido dos sistemas de expressão de nosso tempo”.

Há no meio acadêmico, sobretudo, na sociologia, críticas severas à televisão, como as que só são capazes de enxergar neste meio apenas influências maléficas, distorções da realidade, manipulações do poder. **Em Sobre a televisão**, por exemplo, Bourdieu, demonstra ceticismo, em relação à TV:

Não podemos nos contentar em dizer que o que se passa na televisão é determinado pelas pessoas que a possuem, pelos anunciantes que pagam a publicidade, pelo Estado que dá subvenções. [...] Essas são coisas tão grossas e grosseiras que a crítica mais elementar as percebe, mas ocultam os mecanismos anônimos, invisíveis, através dos quais se exercem as censuras de toda ordem que fazem da televisão um formidável instrumento de manutenção da ordem social simbólica (BOURDIEU, 1997, p.20).

Esse tipo de crítica aniquila todas as experiências criativas e, culturais deste veículo e coloca todos os seus enunciados na vala comum das formas perversas de produção televisiva. De acordo com Barbero e Rey (2001, p. 25), “esse discurso maniqueísta é incapaz de superar uma crítica intelectualmente rentável [...] justamente porque a única coisa que propõe é desligar o televisor”. Assim, é impossível perceber que a televisão, como máquina de produção de imagens, possui sentido ambíguo e contraditório. Ela pode ao mesmo tempo aprisionar ou soltar, censurar ou democratizar, oprimir ou libertar.

Há que se distinguir, ou identificar as contradições dessa mídia que de um lado: reforça preconceitos racistas e machistas, contagiando a todos com a banalidade e a mediocridade apresentada pela maioria da programação e do outro: ocupa o lugar estratégico da cultura cotidiana das majorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. Segundo Machado:

Aos poucos, a televisão sai do purgatório ou do gueto especializado dos sociólogos, tecnólogos e estrategistas de marketing, e passa a ser encarada como indiscutível fato da cultura de nosso tempo (MACHADO, 2005, p.21).

São múltiplas as suas possibilidades, mas em especial, a televisão tem a capacidade de produzir sentidos, de representar o mundo por meio da imagem. Para Flusser (2002, p. 9), “imagens são mediações entre

homem e mundo [...] Imagens têm o propósito de representar o mundo”. O grande impasse deste meio reside em fazer crer, que a imagem técnica ocupa o lugar da realidade objetiva e prática das coisas.

Mais do que isso, a televisão incorpora o discurso midiático da informação, cuja pretensão é fazer com que as mídias ocupem o lugar da própria democracia, do próprio espaço público. Conforme Charaudeau:

A visão do mundo social, proposta pelas mídias, é ao mesmo tempo fragmentária e obsessiva, para pretender a tanto. As mídias devem aceitar que não podem pretender à transparência, visto que o acontecimento é o resultado de uma construção (CHARAUDEAU, 2006, p 276).

E, essa construção é composta de recortes do mundo “real”, de fragmentos dos objetos, dos desejos e das emoções, que eliminam a noção de passado e instauram a simultaneidade, marcada pelo instantâneo e pelo fluxo da informação, segundo apontam Barbero e Rey (2001, p. 35), “ uma tarefa-chave hoje na mídia é fabricar presente: um presente concebido sob a forma de golpes sucessivos sem relação entre si”.

O telejornal é um dos gêneros televisivos que mais açambarcam essa característica que elimina a historicidade. O noticiário de televisão exagera na compressão do presente, na transformação do tempo da história, em instantâneo. Não existe o contexto histórico do fato, e sim, a representação do fato na intensidade de um tempo que alcança sua plenitude na simultaneidade e no efêmero. Para Maia (2005, 16) “Essa efemeridade do discurso midiático está relacionada com as restrições situacionais de tempo e espaço as quais ele encontra-se submetido”.

Mesmo fragmentado, recortado, ou distorcido o cotidiano se faz presente no telejornal. A informação é a matéria-prima deste enunciado televisivo, que também é contraditório, ambíguo. De acordo com Machado:

Por mais fechado que seja um telejornal, há sempre ambigüidade suficiente em sua forma significante [...], e há também autonomia suficiente, por parte do telespectador, de modo a permitir que ele faça uma triagem do que lhe é despejado no fluxo televisual (MACHADO, 2005, p 100).

A informação na televisão obedece a algumas características próprias deste veículo como a fragmentação do espaço; o tempo, geralmente muito curto para se contar grandes relatos; a atualidade, que vai orientar a escolha dos temas, conforme sua abrangência, amplitude, relevância, curiosidade e proximidade com a

instância de recepção. Desta maneira, a informação é apresentada, de forma que o espectador possa perceber o acontecimento com maior clareza, eficiência e entendimento.

O telejornal aparece, então, como mediador entre o cotidiano dos acontecimentos e o público. O sentido de seu discurso é construído a partir de situações de troca social. Segundo Charaudeau (2006, p. 72), “A comunicação midiática põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção”.

O discurso midiático é tanto ou mais atraente quanto as estratégias de captação do público, utilizadas em sua configuração, conforme evidencia Charaudeau (Idem, p. 63):

a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz. No caso, o discurso de informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com conseqüências diversas efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização (CHARAUDEAU, 2006, p. 63).

O Jornal Nacional, programa de informação, veiculado pela Rede Globo de Televisão de segunda-feira a sábado, há mais de 40 anos, foi escolhido como objeto deste estudo por sintetizar o gênero televisivo, que alia qualidade técnica e recursos visuais ao modo de apresentar fatos do cotidiano, que são transformados em notícias. A escolha se deve também à sua representatividade em termos de abrangência e audiência. O carro-chefe da Globo, possui uma audiência média diária de aproximadamente 50%, segundo o IBOPE, um dos principais Institutos de pesquisa do País.

O Jornal Nacional incorporou uma linguagem própria e, passou a ser a síntese do chamado padrão Globo de qualidade. Um padrão, em que os recursos tecnológicos são aliados à narrativa, em muitos casos, fantástica e insólita do texto, para produzir um discurso midiático capaz de atingir, influenciar e emocionar a instância de recepção.

Na construção do discurso da informação imagens, sons e texto se relacionam para apresentar os fatos no dia-a-dia. Neste processo ocorre uma metamorfose do fato, quando ganha característica de notícia, conforme sugere Silva (1998, p.14): “No ritual de passagem do fato à notícia engendra-se uma nova realidade que, correspondendo a novas representações serve para enfeitiçar a sua realidade original”.

Como esta mídia televisual se relaciona com a ciência? Qual o volume de notícias ligadas à ciência e à tecnologia dentro do telejornal em questão e como ela é

apresentada? Como se dá o encadeamento ou como são estruturadas estas notícias dentro do Jornal Nacional e quais os assuntos mais abordados? Pretendemos responder a estas indagações, a partir, da gravação do telejornal, no período já estabelecido e através da consulta em outras mídias como as revistas especializadas, entre elas, a *Sciense*, *Nature* e *Scientific American*, para que possamos traçar um paralelo entre os temas apresentados pelo telejornal e aqueles expostos nestas mídias impressas.

BIBLIOGRAFIA

BARBERO, Martín; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. Tradução Jacob Gorender. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Ângela S.M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

MAIA, Jader Gontijo. **Estudo sobre gêneros informativos televisuais** – Modos de agenciamento do capital visual em reportagens do telejornalismo brasileiro. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). Faculdade de Letras – UFMG, Belo Horizonte, 2005.

SILVA, Marconi oliveira. **O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem** – a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.